CMP 1.2.2. 129

SEU TEMPO

1890 (24 de julho) — nasce, em Campinas, Guilherme de Andrade e Almeida, filho primogênito do jurisconsulto e professor de Direito Estevão de Araujo Almeida e de d. Angelina de Andrade e Almeida.

1904 — escreve em Campinas aos 14 anos, o primeiro poema de que se costumava lembrar como seu: "A Cruz" — um soneto sacro.

1907 — bacharela-se em Ciências e Letras pelo Colégio de N. S. do Carmo, de São Paulo, depois de ter feito em Rio Claro (onde o pai advogara) o curso primário, na escola de uma tia (d. Ana de Almeida Barbosa de Campos), e de ter passado pelo antigo ginásio do Estado "Culto à Ciência" de Campinas, e pelo Colégio São Bento de São Paulo.

1912 — Forma-se advogado pela Faculdade de Direito de São Paulo.

1916 — Escreve em São Paulo, em francês, e de parceria com Oswald de Andrade, seu primeiro livro: "Théatre Brésilien".

1916 (16 de setembro) — lê-se, em sessão pública, na redação de "O Estado de São Paulo", seu primeiro livro de versos: "NÓS".

1917 (8 de junho) — lança-se a primeira edição de "Nós" impresso nas oficinais de "O Estado de S. Paulo", por iniciativa de três amigos do poeta: Amadeu Amaral (que o induziu à publicação), Vicente de Carvalho (que selecionou os poemas) e Francisco Morato (que pagou a edição).

1917 — em concurso público para a escolha do brasão de Armas de São Paulo, Guilherme foi o autor do distico vencedor: "Non ducor, duco" ("Não sou conduzido, Conduzo").

1922 — Guilherme teve destacado papel na idealização e na realização da Semana de Arte Moderna.

1923 — passa a residir (até 1926) no Rio de Janeiro, onde se casa com d. Belkiss (Baby) Barroso do Amaral, passando então a dedicar-se exclusivamente às letras, depois de ter sido Promotor Público interino em Apiaí e Mogi Mirim.

1928 — é eleito para a Cadeira n.o 22 da Academia Paulista de Letras — cadeira em que sucedia a seu pai, e cujo patrono é João Monteiro.

1930 — é eleito para a Cadeira n.o 15 da Academia Brasileira de Letras, que fora fundada por Olavo Bilac, que estava vaga pela morte de Amadeu Amaral, e cujo patrono é Gonçalves Dias.

1932 — Guilherme veste a farda de soldado e participa da Revolução Constitucionalista de São Paulo, na 2.a Companhia do 1.o Batalhão da Liga de Defesa Paulista.

1943 — Desliga-se do jornal "O Estado de S. Paulo", passando a dirigir a "Folha da Manhã" e a "Folha da Noite", funda a seguir o "Jornal de São Paulo" e, em 1957, volta a "O Estado", fazendo a crônica diária "Eco ao longo de meus passos".

1952 — Após longos anos como tradutor de textos literários, sobretudo do francês, Guilherme empreende e realiza aquele quê, ao lado da tradução do "Ulisses" de James Joyce, por Antonio Huaiss, é talvez o maior trabalho de tradução já realizado no Brasil: a tradução da "Antígone" de Sófocles, em edição bilingue, em que os 1353 versos da Obra foram traduzidos conservando-se o ritmo da fala grega!

1959 — Guilherme de Almeida é eleito, com 320 votos, contra os 164 para seu mais próximo concorrente (Manuel Bandeira), em concurso organizado pelo "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, o 4.o Príncipe dos Poetas Brasileiros. O título fora antes outorgado a Olavo Bilac (1902), Alberto de Oliveira (1918) e Olegário Mariano (1937).

1960 (21 de abril) — coube a Guilherme de Almeida a honra de compor e proferir a Oração Oficial da Fundação de Brasília: a "Prece Natalícia Brasília", que o autor considerava sua Obra-Prima.

1969 — pouco antes de morrer, e depois de já ter, em 1958, feito o Brasão de Armas de nossa nova Capital Federal, Guilherme de Almeida criou a Bandeira de Brasília, que foi oficializada no dia 7 de setembro de 1969, quando se inaugurou o Palácio do Buriti, nova sede do governo municipal da cidade.

TITULOS

Bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio N. S. do Carmo de São Paulo; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (advogado) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Membro da Academia Paulista de Letras; Membro da Academia Brasileira de Letras; Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Membro do Seminário de Estudos Galegos de Santiago de Compostela; Membro da Unión Cultural Universal de Alcacer de Sevilha; Membro do Instituto de Coimbra.

CARGOS

Secretário da Escola Normal Pe. Anchieta de São Paulo; Chefe da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo; Adido ao Gabinete do Interventor Fernando Costa; Secretário do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus; Presidente da Comissão do IV Centenário de São Paulo; Presidente da Associação Paulista de Imprensa (1937-39); Chefe do Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores no Uruguai, para a inauguração da herma de Olavo Bilac em Montevideu (1937).

CONDECORAÇÕES

Comendador da Ordem de Santiago da Espada (Portugal); Grande Oficial da Coroa da Romenia; Cavaleiro da Legião de Honra (França); Grande Oficial da Ordem Militar de Cristo (Portugal); Comendador da Ordem do Mérito da Síria; Comendador da Ordem do Tesouro Sagrado (Japão); Oficial da Ordem das Artes e das Letras (França); Detentor da Medalha de Ouro e do Diploma de 1.a Classe dos Beneméritos da Escola de Cultura e Arte (Itália).

SUA OBRA

1. "Théatre Brésilien" em colaboração com Oswald de Andrade 1916.
2. "Nós" — versos, 1917.
3. "A dança das horas" — versos, 1919.
4. "Messidor" — versos, 1919.
5. "Livro de Horas de Soror Dolorosa" — versos, 1920.
6. "Era uma vez" versos, 1922.
7. "A flauta que eu perdi" — versos, 1924.
8. "A flor que foi um Homem" — versos, 1925.
9. "Encantamento" — versos, 1925.
10. "Meu" — versos, 1925.
11. "Raça" — versos, 1925.
12. "Do sentimento nacionalista na poesia brasileira" — ensaio — 1926.
13. "Ritmo, elemento de expressão" — ensaio, 1926.
14. "Gente de Cinema' — prosa, 1929.
15. 'Simplicidade" — versos — 1929.
16. "Carta a minha noiva" — versos, 1931.
17. "Você" — versos, 1931.
18. "Poemas escolhidos" — versos (Seleção), 1931.
19. "Cartas que eu não mandei" — versos (Separata de Encantamento), 1932.
20. "Eu e você" (tradução de "Toi e Moi", de Paul Géraldy) — versos, 1932.
21. "O meu Portugal — prosa 1933.
22. "A casa" — prosa, 1935.
23. "Poetas de França' (traduções) — versos, 1936.
24. "Suíte Brasileira' (traduções" — versos, 1936.
25. "Acaso" — versos, 1938.
26. "O Jardineiro" (traduzido de Rabindranath Tagore) — poemas em prosa, 1939.
27. "Cartas do meu amor" — versos, 1941.
28. "Gitanjáli" (traduzido de Rabindranath Tagore) — poemas em prosa, 1943.
29. "O amor de Billitis" traduzido de Pierre Louys) — poemas em prosa, 1943.
30. "Flores das Flores do Mal" de Charles Baudelaire (traduções), versos, 1944.
31. "Gonçalves Dias e o Romantismo" — ensaio, 1944.
32. "Tempo" (Seleção) — versos, 1944.
33. "Paralelamente a Paul Verlaine" (traduções) — versos, 1945.
34. "Poesia Vária" — versos, 1947.
35. "Histórias talvez ..." — prosa, 1948.
36. "As palavras do Budha" (tradução) — prosa, 1948.
37. "Entre quatro paredes" (tradução de "Huis-Clos" de J.P Sartre — teatro, 1950.
38. "O Anjo de Sal" — versos, 1951.
39. "Antigone" de Sófocles (tradução) — teatro, 1952.
40. "Na festa de Sao Lourenço" (tradução) — versos, 1954.
41. "Acalanto de Bartira" — versos, 1954.
42. "Camoniana" — versos, 1956.
43. "Pranto Matricial' (traduzido de V. Paz Andrade) — versos inéditos.
44. "Pequeno Romanceiro" — versos, 1957.
45. "Rua" — versos 1961.
46. "Cosmópolis" — prosa, 1962.
47. "História de uma escada" (traduzido de Buero Valejo) 1964.
48. "Rosamor" — versos 1965.
49. "Os Sonetos de Guilherme de Almeida" — 1968.

GUILHERME:

Forma da Perfeita Fôrma

(Visão exegética dos sonetos de Guilherme de Almeida)

José Alexandre dos Santos Ribeiro (PUCC-Campinas)

"Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème" (Boileau-"L'Art Poétique, C.II. V. 94)

SEUS SONETOS

O título deste artigo é uma glosa ao primeiro verso do último soneto publicado em livro por Guilherme de Almeida, e que diz: "Soneto: fôrma da perfeita Forma!"

"O Soneto", é como se chama o poema, e foi composto por Guilherme a 28 de fevereiro de 1968, para servir de abertura ao livro "Os Sonetos de Guilherme de Almeida" (Livraria Martins Editora — São Paulo — 1968), que reune todos os cento e seis sonetos anteriormente publicados pelo poeta, e compostos no decorrer de sua trajetória literária, de 1904 a 1951, e mais esse último, evidentemente.

Entendo que entre essas cento e sete jóias da mais requintada virtuosidade literária, concebidas assistematicamente durante sessenta e quatro anos de sua carreira, estão os mais perfeitos poemas de Guilherme de Almeida. E por isso, achei que seria oportuna a proposta de uma análise da poética guilhermeana com base nos sonetos.

Assim, as linhas que seguem são impressões partidas da releitura desses cento e sete sonetos, servindo-me de texto, o do livro e edição assinalados, que resultou de revisão feita pelo próprio autor, dos textos primitivos, para a publicação deste que foi o último livro seu que ele viu em vida.

II

Mas voltemos ao soneto, e com ele, a Guilherme de Almeida.

Após os detalhados estudos de G. A. Cesareo (in "Le Orinini della Poesia Lirica" — Palermo, 1924) e Cruz Filho (in "O Soneto", Rio de Janeiro, 1961), parece fora de dúvida que o soneto foi criado por Giacomo da Lentini, no século XIII.

Etimologicamente, soneto vem do Italiano "sonetto", diminutivo etimológico com a raiz do verbo "sonare", **tocar um instrumento musical**, o que demonstra que, inicialmente, o soneto era a letra de uma pequena música.

Sabe-se ainda que, no princípio, era o "strambotto", que era uma pequena cantiga cuja letra tinha duas estrofes de quatro versos (essa palavra é, por sua vez, diminutivo do italiano "Strambo", que quer dizer, como adjetivo, "cambaio" "torto"). Assim, Giacomo da Lentini teria criado o soneto pela acrescentação de um duplo refrão de seis versos, aos oito originais do "strambotto", criando-se então essa fôrma poética de catorze versos, geralmente decassilábicos, divididos em dois quartetos e dois tercetos, com as mais variadas estruturas rimáticas.

Dante e Petrarca foram os primeiros grandes poetas a cultivarem o soneto. Este último deu a essa fôrma o mais poderoso substrato lírico, servindo os seus sonetos — sobretudo os do "Canzoniere" — de modelos estreitamente imitados pelos maiores sonetistas ocidentais.

Sintético, sentencioso, incisivo, e devendo sempre terminar de forma contundente e decisiva, o soneto vem desafiando o tempo e as tendências literárias. Nestes seus sete séculos de história só encontrou dois momentos de crise que, contudo, não chegaram a abalar-lhe a existência: um, foi durante a eclosão do Romantismo, em que todas as fôrmas poéticas fixas perderam temporariamente seu prestígio; outro, foi durante as chamadas "primeiras gerações modernistas", como entre nós, a que vigeu de 1922 a 1930. Contudo, nenhuma das duas "guerrinhas" chegou a abalar-lhe as bases.

O soneto sofreu também até ao momento duas modificações estruturais de importância, mas que permanecem como casos isolados. Uma, é a do chamado **Soneto com Estrambote** ou **Soneto de Cauda**, que é o soneto comum, acrescido de mais um terceto. Outra é a do "Soneto de Shakespeare", também às vezes usado por Milton. Consiste numa alteração na estrutura estrófica e no esquema rimático, de tal forma que o soneto fica com suas rimas próprias, e de disposição alternada, seguidas de parelha, por sua vez também com rima própria. A fôrma fica bonita e sobretudo muito rítmica, mas não é propriamente um soneto.

Também no que se refere à temática, tem o soneto recebido novidades, nos seus setecentos anos de existência. Assim, nem todos os sonetos têm sido ortodoxamente lírico-confessionais, e de caráter dissertativo-sentencioso, mas encontram-se também sonetos descritivos, narrativos, satíricos, épicos e até humorísticos. Contudo, são sempre incidentais e, na maioria dos casos, irrelevantes, os sonetos que não sejam realmente líricos e principalmente lírico-amorosos — na mais genuína linha do "dolce stil nuovo".

Na língua portuguesa, o soneto entrou, como se sabe, "pela mão de Sá de Miranda" (M. Moisés, op. cit., pág. 82), após sua volta da Itália para Portugal, em 1527. Camões (o maior de todos), Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Frei Agostinho da Cruz, D. Francisco Manuel de Melo, Bocage, Filinto Elísio, Gomes Leal, João Penha, Antonio Nobre, Camilo Pessanha, Eugênio de Castro, Antero de Quental e Florbela Espanca são alguns dos grandes sonetistas portugueses. Ao Brasil, chegou o soneto por volta do século XVII, com o grupo baiano. Assim, os grandes sonetistas brasileiros do passado estão entre Gregório de Matos, Bernardo Ravasco, Domingos Barbosa, Eusébio de Matos, Manuel Botelho de Oliveira (primeiro poeta brasileiro a ver seus sonetos publicados, na "Música do Parnaso"), Cláudio Manuel da Costa, Alberto de Oliveira, Machado de Assis, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães, etc.

O século XX foi o da grande crise do soneto, como já foi dito, entre as primeiras gerações modernistas. Contudo, passadas as "fúrias dadaístas", os poetas compreenderam o inócuo de lutar contra uma fôrma literária por si mesma: acabar com o soneto, sem querer acabar com o sentimento lírico do Mundo, seria tentar acabar a forma, deixando o conteúdo. Quando isso ficou claro, surgiram em nossa língua alguns dos maiores sonetos nela escritos, vindos de Fernando Pessoa, José Régio, Miguel Torga, e entre nós, de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schimidt, Ribeiro Couto, Vinicius de Moraes, e do maior sonetista brasileiro deste século: Guilherme de Almeida.

III

Em cinquenta e um anos de carreira literária oficial (pois seu primeiro livro — "Nós" — é de 1917, e o último publicado em vida — "Os Sonetos de Guilherme de Almeida" — é de 1968), e vinte e quatro livros de poesia publicados, Guilherme de Almeida publicou apenas cento e sete sonetos, o que representa uma média de pouco mais de dois sonetos por ano, ou quatro sonetos por livro.

Contudo, os pontos básicos do cosmorama poético de Guilherme, assim como os momentos mais felizes de sua forma de artífice estão sem dúvida nessas cento e sete jóias do tesouro poético brasileiro.

Um curioso dado quantitativo: das mil quatrocentas e noventa e oito palavras finais dos versos desses cento e sete sonetos, a que mais se repete é **vida**, que aparace **vinte vezes**, seguida de **dia** (nove vezes), triste (oito), e **amor, caminho, história, mundo, nada e tudo** (que aparecem seis vezes).

Esse dado mostra, por exemplo, que nas mil quatrocentas e noventa e oito palavras que formam a tessitura rimatica dos sonetos de Guilherme, somente nove se repetem mais de cinco vezes, e somente três aparecem mais de seis vezes, o que demonstra a imensa riqueza vocabular do poeta.

Por outro lado, não encontrei mais de dezoito palavras, das que rimam, que não possam ser consideradas do repertório mais corrente do Portugues do Brasil: **Adelgaça, alarve, algarve, camafeus, emurchecida, fortuito, "fruito"** (enquanto forma arcaica de **fruto**), **ginete, graal, guante, ledo, loriga, messes, Perceval, rodopiando, valimento, voeja e voluta.**

A estrutura rimática desses cento e sete sonetos é variadissima, encontrando-se com semelhante frequência, quando à disposição, rimas cruzadas, emparelhadas ou interpoladas.

Somente dois sonetos possuem apenas quatro consonâncias rimáticas; todos ou outros possuem cinco. E destas, as consonâncias A e B ficam sempre entre os dois quartetos, enquanto as duas ou três outras alojam-se pelos tercetos.

Quanto à métrica, oitenta e seis sonetos são de versos decassilábicos, enquanto os restantes vinte e um são dodecassilábicos.

A busca do sentido último da Vida; louvação do Amor, como doação mútua e total, em que a atração da carne é impelida pela total simbiose dos espíritos; o fascínio pelos impenetráveis segredos da Natureza, com a apologia da luz, das flores e dos animais; a visão alegórica dos ideais do Cavaleiro Andante; a sagração de Santos e de Heróis; e o engrandecimento do lavor poético — eis as linhas-mestras da temática destes sonetos, que são, de resto, os temas básicos da própria Obra inteira de Guilherme de Almeida.

A título de ilustração, detenhamo-nos um pouco na análise de quatro sonetos de Guilherme, tomados ao acaso dentre os do livro que nos está servindo de texto-base:

"Vida"

Vivo e não vivo. O fio desta vida
preso em dois pontos se mantém suspenso:
um, a saudade em mim adormecida,
outro, a esperança em que meu ser condenso.

Saudade de algum Céu, visão perdida
de um Outro Mundo a que não mais pertenço;
esperança na Terra Prometida,
essa à qual vão as espirais de incenso.

Mas, que importa a saudade, se há a esperança?
Já avisto ao longe as plagas da bonança
onde me acenam vitoriosas palmas.

Vejo uma estrada branca e luminosa
pela qual vai passando, silenciosa,
a caravana celestial das almas".

A Vida, apresentada como vitória da Esperança da Eternidade, sobre a Saudade da pré-existância, parece ser o **tema** deste soneto. E' impressionante como já neste soneto de juventude, se vê uma clareza geométrica no desenvolvimento temático. O primeiro período do texto propõe já a tensão dialética: "Vivo e não vivo". O primeiro quarteto propõe os polos em que se debate a vida: Saudade e Esperança. O segundo quarteto explicita adjetivamente cada pólo: saudade de **algum céu** e esperança da **Terra Prometida.** No primeiro terceto dá-se a "luta"; no segundo, o Poeta alcança a Glória Eterna, indo integrar a "caravana celestial das almas".

Impressionante, a densidade sêmica que adquirem palavras como **fio, suspenso, algum, incenso, palmas e celestial:** a fragilidade do fio e a presença do que está suspenso reiteram a dialética do viver/não-viver, proposta de início; a indefinição do algum-céu, que lhe desperta a saudade, é arrasada pela determinadissima Terra Prometida, por cuja posse luta — e vence — a Esperança. E no final, tudo é brancura e luminosidade, graças ao visualismo simbolista do primeiro verso do último terceto ("Vejo uma estrada branca e luminosa"), mais a irresistível reiteração aliterativa entre as sílabas tônicas de **celestial** e **almas**, foneticamente prenunciadas pelo primeiro /1/ de **celestial**, única consoante líquida que ocorre no verso.

Composto de versos decassilábicos, o soneto impressiona também pela simétrica alternância de posição entre os sáficos (o segundo e o quarto de ambos os quartetos, mais o terceiro de cada terceto, ficando então nas rimas B e D), o que acentua a uniformidade rítmica do soneto.

Em contrapartida, a rima é extremamente simples, toda formada por paroxítonos de terminações rimaticamente comuns, sem qualquer sofisticação gratuita, que comprometesse a clareza.

Com sua linguagem centralizada no "eu", este soneto é um belo exemplo do que Jakobson chama de linguagem com **função expressiva.**

"Os Corvos" — Ei-lo:

Pontilha o espaço azul, sem mancha, o bando
negro dos corvos maus. Alto, às vezes, voeja
entre as grimpas da serra; às vezes, crocitando,
precipita-se ao vale e o lodaçal fareja.

Aí, voraz, faminto, atira-se à peleja:
grasna, e saltita, e se ergue, e paira, e cai, de quando
em quando. Enfim, ao firmamento, rodopiando
numa lenta espiral, o vôo lento adeja.

Sobe, sobe... E transpõe a serrania abrupta;
galga a amplidão do céu numa linha ora oblíqua,
ora curva e sinuosa. E a sinistra voluta

nuvens desdenha, afronta o vento e as inclemências
vence... E prossegue até que, na fímbria longínqua
do horizonte, se perde em negras reticências".

Já aqui, temos um raro exemplo de soneto descritivo — raro inclusive no contexto da Obra de Guilherme, que um dia me disse que quis, com este soneto, elaborar um típico exemplo de texto parnasiano.

O soneto descreve ciclicamente o aparecimento ("pontilha"), a chegada ("voeja"), a descida ("precipita-se"), a rapinagem ("atira-se à peleja"), a subida ("sobe, sobe...") e o lento desaparecimento ("negras reticências") de um bando de "corvos maus".

Interessante e notório como, do início ao fim do soneto, os corvos representam o **Mal**, que suja a limpeza da paisagem: assim, os adjetivos que se referem direta ou indiretamente aos corvos são, por exemplo, **maus, voraz, faminto, lento, sinistra;** e se opõem às expressões que se referem à paisagem: **espaço azul sem mancha, grimpas da serra, vale, firmamento, serrania, amplidão do céu, fímbria longínqua do horizonte.**

E' notável como, dentro do plano descritivo que o soneto se propõe, formas verbais incoativas e/ou diminutivas como **pontilha, voeja, fareja, rodopiando, adeja e prossegue**, são usadas para pintar o ritmo altivo e lento dos vôos que precedem e sucedem a rapinagem, enquanto esta é descrita por verbos de aspecto pontual e com a dinâmica acentuada pelo felicíssimo polissíndeto do segundo verbo do primeiro quarteto: "e grasna, e saltita e se ergue, a paira, e cai..."

O uso por sete vezes do "enjambement", e a abundante existência de rimas ricas, como "abrupta/voluta", ou oblíqua/longínqua", fortalece a consistência poética do soneto, que o caráter descritivo à primeira vista poderia minimizar.

Finalmente, temos aqui um raro exemplo de soneto com **linguagem referencial**, porque centralizada no contexto, e não no emissor ou no destinatário.

"Prece a Anchieta"

"Santo — ergueste a Cruz na selva escura;
herói — plantastes nossa velha aldeia;
mestre — ensinastes a doutrina pura;
poeta — escrevestes versos sobre a areia.

Golpeia a cruz a foice inculta e dura;
invade a vila multidão alheia;
morre a voz santa entre a distância e a altura;
apaga o poema a onda espumante e cheia.
Santo, herói, mestre e poeta: — Pela glória
que destes a esta terra e à sua História,
pela dor que sofremos sempre sós,
pelo bem que quisestes a este povo,
Novo Batista deste Mundo Novo,
Padre José de Anchieta, orai por nós".

Verdadeiramente impressionante a virtuosidade técnica deste soneto. O primeiro quarteto expõe e explicita, uma a uma, as grandes qualidades de Anchieta, dando-nos delas, em forma de apostos com os fundamentais ocultos, uma visão vertical; o segundo quarteto mostra como a Obra do Missionário, exposta à incúria e aos desacertos dos homens e dos elementos naturais, é golpeada, ferida e se desfaz na terra. No primeiro terceto, os apostos se tornam vocativos, porque, agora, incorporados pela História à figura do jesuita, configuram-lhe a totalidade da presença mística. E então, com base no abandono humilde em que nos sentimos sofrer ("pela dor que sofremos sempre sós"), e no Amor que o Santo, Herói, Mestre e Poeta nos devota ("pelo bem que quisestes a este povo"), ousamos, pela voz do nosso Poeta fazer a jaculatória com que se encerra a prece:

"Padre José de Anchieta, orai por nós!".

Maravilha de clareza e método, o soneto apresenta nítidas, a tese do primeiro quarteto, a **antitese** do segundo, e a síntese dos tercetos, "fechada-de-ouro" pela súplica do último verso! E, como sempre faz Guilherme de Almeida, quando o conteúdo ou a forma são muito elaborados, como aqui, a estrutura é simplíssima, para que a fluente assimilação do sentido não seja comprometida.

Dos versos, decassilábicos, seis são sáficos. Notável a elisão que se faz no último verso do segundo quarteto ("apaga o poema a onda espumante e cheia"), em que o /a/ de **poema** mais o artigo seguinte cedem ao /o/ de **onda**, com a elisão **apaga-o**, mais a de **onda-espumante**, e a **espumante-e**, além da sinérese em **poe-ma**, faz com que as dezessete sílabas fonológico-gráficas do verso se transformem nas necessárias dez sílabas métricas.

"O Soneto"

"Soneto: fôrma da perfeita Forma!
Crisol e jóia do Renascimento,
emoção, verbo, ritmo, evento, e invento,
tudo em sua alquimia se conforma.

Senhor do silogismo, ele transforma
a lógica em Beleza: e ao argumento
— à "maior" e à "menor" — dá valimento
a estrita e bela submissão à Norma.

Ao Poeta ele oferece o altar da História:
um Calvário e um Parnaso — Dor e Glória —,
duas premissas e uma conclusão.
Árdua escalada, custa apenas isto:
quatorze Passos da Paixão de Cristo
por quatorze degraus da Perfeição".

E finalmente, o último soneto publicado por Guilherme de Almeida, e feito um ano, quatro meses e onze dias antes de sua morte.

Um soneto sobre o soneto.
O poeta falando do seu engenho.

Este é talvez o mais intelectualizado soneto de Guilherme. Seu primeiro verso ("Soneto. fôrma da perfeita Forma!") é uma das mais belas, precisas e sintéticas afirmações de juízo de valor que já se fizeram na língua portuguesa: como fôrma de forma literária mais requintada, o soneto é bem um crisol, isto é, um cadinho de seleção e realce das melhores qualidades daquilo para que serve — no caso, da "perfeita Forma" literária.

O segundo quarteto, que chega a lançar mão do trocadilho como recurso de linguagem, mostra como, quanto mais "lógico" for o soneto, tanto mais se realça sua beleza, na medida em que quanto mais bela a Forma, tanto melhor será a sua submissão à Norma (da Lógica).

E ao final, mostra-se o soneto como a Suma do Sacrifício e da perfeição poética, sagrando o Poeta que o cultiva com as dores do Calvário compensadas pela Glória do Parnaso — eis aí o segredo do Renascimento, que criou o soneto.

Pórtico do último livro de poesia de Guilherme de Almeida, este soneto ímpar nas nossas Letras há de ter sido, isto sim, o grande portal por onde, a 11 de julho de 1969 o nosso Poeta passou à Eternidade, e pôs-se a ver os anos e os séculos vividos, viu os seus poetas franceses, viu Garcilazo, viu Camões, viu os homens intrépidos do Renascimento, viu os Santos da Idade Média, viu o Soneto, viu Dante e viu Petrarca, e está com Deus.

TURISMO

Nova estrada de Campos ficará pronta em junho

Os turistas que escolherem Campos do Jordão, para a próxima temporada de inverno, terão mais uma opção de tráfego, com a nova estrada que o Departamento de Estradas de Rodagem está construindo, a ser concluida em junho próximo. Com a SP-123, aquela estância climática ficará 20 quilômetros mais próxima de São Paulo. Saindo da Via Dutra, à altura do município de Taubaté, a rodovia passa pelos municípios de Tremembé, Piracuama e Eugênio Lefévre, num percurso de 41 quilômetros, até chegar a Campos. Desse total, 33 quilômetros já estão prontos.

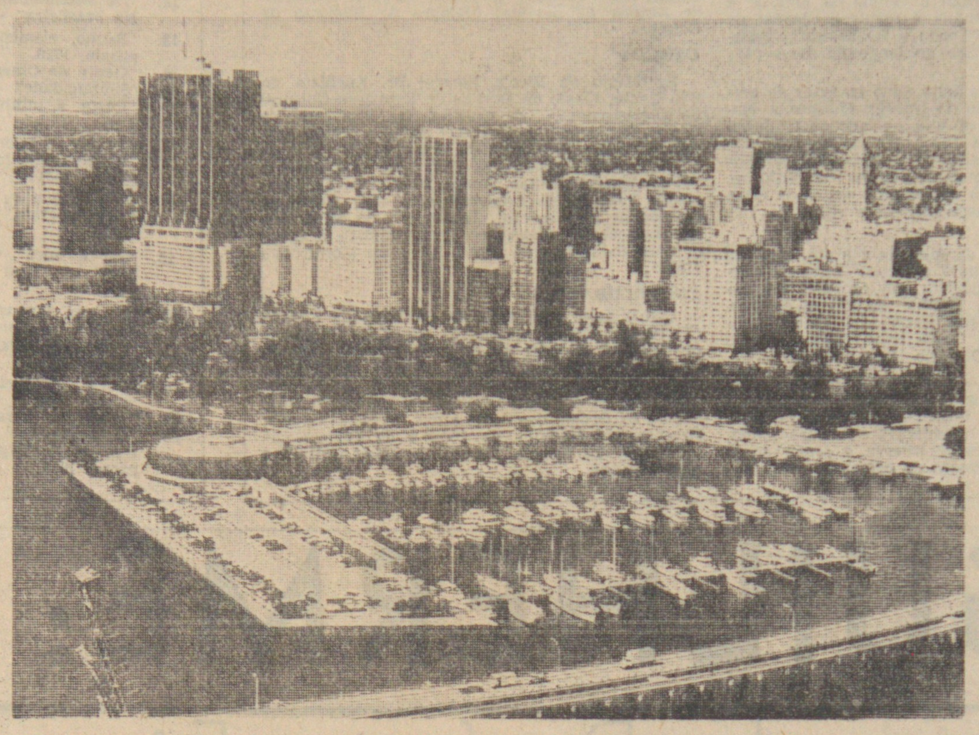
Mesmo em obras, esta ligação já está permitindo a passagem de veículos, que preferem o novo caminho, do que o acesso atual à estância, pela SP-50, a partir de São José dos Campos, com 87 quilômetros de extensão e muitas curvas. A SP-123 deveria estar concluida em abril, mas as obras complementares, necessárias, no valor de Cr$ 20 milhões, exigiram que o prazo fosse prorrogado para o mês de junho.

OBRAS COMPLEMENTARES

Problemas na construção das cortinas atirantadas que escoram um talude de grandes proporções, nas proximidades de um viaduto da Estrada de Ferro de Campos do Jordão, determinaram a execução de obras complementares. Atualmente, estão sendo realizadas obras de drenagem superficial, destinadas a melhorar as condições da estrada e uma proteção ao túnel de 170 m., a 6 quilômetros de Piracuama.

A estrada será entregue ao tráfego para a temporada de férias escolares, quando também se realiza o "Festival de Inverno", atraindo milhares de turistas. A nova rodovia beneficiará, não apenas Campos de Jordão e demais cidades situadas ao longo do seu traçado, mas também, todos os municípios do Vale do Paraíba, pois seus habitantes procuram, com frequência, a bela paisagem da "Suiça Brasileira".

MIAMI, O PORTAL DOS EUA PARA A AMÉRICA LATINA



O Centro de Miami vem apresentando mudanças dramáticas na medida em que a cidade passa por período de expansão sem paralelo. Miami tornou-se o principal porto de entrada e partida para os visitantes latino-americanos e um elo econômico vital entre os Estados Unidos e a região hemisférica do sul.

Há alguns anos, quando as autoridades de Miami começaram a dizer que sua cidade era o "portão" de entrada" dos Estados Unidos para a América Latina, muitos observadores contestaram esta reivindicação; porém, já não o fazem mais. Miami, não apenas transformou-se no principal porto de entrada e partida dos visitantes latino-americanos, como também tornou-se um elo econômico vital entre os Estados Unidos e a região hemisférica, ao sul.

O Aeroporto Internacional de Miami é a principal via de acesso do crescente fluxo de turistas latino-americanos 400 mil por ano. Os latino-americanos respondem por 97 por cento dos passageiros que trafegam pelo aeroporto.

O aumento dos turistas procedentes da América Latina — principalmente do Brasil, Colômbia, Venezuela e México — provocou uma acentuada mudança no caráter de Miami, conhecida durante gerações como um local de lazer privilegiado e a meca dos norte-americanos aposentados.

Os visitantes apreciam o clima ameno de Miami e o ritmo de vida da cidade que, embora mais intenso do que de suas cidades, é de tranquilidade, se comparado ao de Nova Iorque. Nas lojas, hotéis e nas ruas, ouve-se com frequência o idioma espanhol falado por residentes locais — o que não chega a ser surpreendente, uma vez que um terço dos quase 1 milhão e 500 mil habitantes da região metropolitana de Miami é de origem hispânica.

Disneyworld, situada nas proximidades de Orlando, a uma distância de cinco horas de carro de Miami, é uma das principais atrações para os turistas latino-americanos, que visitam a cidade. Embora as autoridades locais temessem, a princípio, que a Disneyworld desviasse de Miami os dólares de turismo, a atração construída na Flórida Central, na realidade, ajudou a cidade. Uma visita a Disneyworld tornou-se um símbolo de "status" para muitos sul-americanos que, invariavelmente, se fazem acompanhar de seus filhos. Esses viajantes, normalmente, iniciam sua viagem aos Estados Unidos por Miami, onde passam alguns dias. Em seguida, vão a Disneyworld por uns dois dias, retornando à cidade. O turismo latino-americano tem ajudado muito o comércio de Miami, uma vez que os visitantes adquirem uma grande variedade de artigos, de roupas a aparelhos elétricos.

Miami figura em quinto lugar entre as cidades do país — depois de Nova Iorque, Los Angeles, San Francisco e Chicago — em volume de mercadorias importadas e exportadas por via aérea, calculado em 150 mil toneladas métricas, este ano. Cerca de 70 corporações multinacionais instalaram suas sedes internacionais em Miami e no subúrbio adjacente de Coral Gables e encontram-se desenvolvendo mercados tanto para importações como exportações.

A internacionalização da economia local tornou as autoridades e os líderes empresariais de Miami cientes da necessidade de buscarem mercados novos e mais amplos. A Zona Livre de Comércio, criada este ano, encerra o potencial de transformar-se em um dos mais importantes centros comerciais do Hemisfério Ocidental.

O aspecto financeiro e comercial da conexão latino-americana da cidade tem se ampliado tão rapidamente nos últimos anos, que alguns de seus habitantes mais entusiastas passaram a denominar a cidade de "a Zurich das Américas".

Embora Miami ainda tenha um longo caminho a percorrer, a fim de adquirir as qualificações financeiras, que são a marca registrada da cidade suiça, sua proximidade da América Latina provocou uma extraordinária expansão das instalações bancárias internacionais na cidade.

Ruas de Lazer: desafio que São Paulo aceitou e venceu

Atualmente, no Município de São Paulo, são em número de 93 (noventa e três), as Ruas de Lazer que efetivamente funcionam, servindo a milhares de moradores em bairros da capital, localizados principalmente em sua periferia e que buscavam, não apenas lazer e recreação, mas também um maior convívio e confraternização entre si. Todas elas foram implantadas durante a gestão de Caio Pompeu de Toledo, à testa da Secretaria Municipal de Esportes da Prefeitura de São Paulo, desde março de 1975 quando tomou posse. Anteriormente, não apenas em São Paulo, mas em vários Municípios do Brasil foram realizadas tentativas, em várias formas, com o objetivo de serem instituídas e aceitas as chamadas «Ruas de Recreio.. Foram tentativas frustradas apesar de todos os esforços realizados. As «Ruas de Recreio», todas dirigidas, faltava algo de muito importante, que Caio Pompeu de Toledo descobriu: a participação efetiva, sincera e entusiasta da população.

Como conseguir, de forma sutil essa necessaria participação, foi o desafio que uma equipe comandada por Caio aceitou. E venceu.

São atualmente, 93 Ruas de Lazer em funcionamento real. Mas, até agora, foram implantadas nada menos de que 160 dessas mesmas Ruas, muitas delas em carater experimental apenas. Porém, 67 delas foram desativadas, oficialmente com bases em três motivos: a transformação de áreas da Prefeitura em Clubes Desportivos Municipais, absorvendo as Ruas de Lazer então existentes nessas mesmas áreas; a perda de entusiasmo de alguns grupos que ridigiam outras Ruas e o desinteresse da população, em algumas zonas, mais atraidas pelas oportunidades que lhes foram oferecidas pela instalação, ampliação e dinamização de vários Centros Educacionais e Esportivos, também administrados pela Secretaria Municipal de Esportes.

FRUTO DE TRABALHO

São quase que diários os noticiários em jornais e outros meios de comunicação, contendo apelos de crianças ou de seus genitores, para que sejam transformadas em Ruas de Lazer as vias tais e quais. Tais apelos formam mais de duzentos processos em transito no Departamento de Ruas de Lazer da SEME. Solucioná-los, atendendo-os, poderia ser fácil. Uma série de quesitos são necessários para que uma Rua de Lazer seja implantada. Preliminarmente, uma especie de requerimento (já impresso no referido Departamento), no qual os moradores de uma Rua, se comprometem a "orientar, organizar e desenvolver as atividades recreativas e esportivas da Rua, inclusive assumindo todas as responsabilidades pelo seu bom funcionamento". Diante do requerimento uma equipe da SEME se encarregará de confirmá-lo, com entrevistas a todos os moradores da rua que pretende ser transformada. A esses moradores a equipe, em suas entrevistas, faz duas observações: **o que não será permitido** jogos de futebol de salão para maiores de 14 anos; bicicleta de adultos, Escola de Samba, pipas ou quadrados, pião, carrinho de rolemã e outras atividades que venham a causar danos materiais ou acidentes a terceiros. O QUE É PERMITIDO — (os moradores da Rua onde irão se desenvolver as atividades da Rua de Lazer, poderão entrar e sair com seus veículos, sempre devagar, com a devida cautela, dando ciência também aos organizadores das atividades recreativas e esportivas). E quais as atividades permitidas, nas Ruas interditadas ao transito, todos os domingos das 10 às 18 horas? Inúmeras. Tantas quantas são conhecidas tradicionalmente, todas que são relacionadas, em detalhes fornecidos pela SEME; e mais as que podem ser criadas, pela imaginação dos frequentadores dessas Ruas de Lazer; ou das Comissões de Moradores que os dirigem. Nas mesmas entrevistas e pesquisas, são observadas as condições das ruas que podem ser transformadas. Se sua interdição pode ser efetivamente realizada sem grandes prejuizos ao trânsito; se suas condições de sólo são higiênicas e favorecem à pratica de atividades recreativas e esportivas; se realmente podem atender aos anseios da população e serem dirigidas conscientemente, com o apôio das Administrações Regionais; com a colaboração do DSV; com a orientação, à distância, da Secretaria Municipal de Esportes através seus técnicos ou estudantes universitários estagiários.

Não é apenas um apelo de crianças divulgado publicamente que poderá decidir a implantação de uma Rua de Lazer mas também entrevistas, pesquisas e a certeza de que a Rua será realmente orientada, e bem por àqueles que a comandam, de forma altruistica e elevado espirito comunitário e esportivo. **Enfim, trabalho, de uma equipe bem comandada que não deseja mostrar números falsos, mas procurar e encontrar a realidade, empolgando-a.**

Vá com a VEREDA

DISNEYWORD (Férias na FLORIDA) Plano especial
Saída 6-7-78

BUENOS AIRES — BARILOCHE
Saídas 3 — 10 e 16-7-78

CRUZEIRO A MANAUS — Santos — Salvador — Recife Belem — Manaus — Saída 1-07-78 (Preço incrivel)

VEREDA TURISMO

RUA CEL. QUIRINO, 743 FONES 51-0805 51-6588 e 51-3531

Aproveite melhor suas férias — Economize Mais seu dinheiro — Vá com a

CAPELLINI TURISMO

"O verdadeiro conforto sobre rodas"

Próximas saídas :
UD — Feira de Utilidades Domesticas
Saída 13-05-78

APROVEITE OS FERIADOS DE CORPUS CHRISTI
Rio de Janeiro — Pousada
Foz do Iguaçu — Vale do Itajaí
FÉRIAS DE JULHO
Roteiros diversos p/ qualquer parte
COPA 78 — ARGENTINA
Os melhores planos — Hospedagem em hoteis de primeira
FRETAMOS ÔNIBUS PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL
Av. Francisco Glicério, 590 - Fone 8-6925
Campinas — (Financiamento próprio)
EBT 0800277007

CORPUS CHRISTI — FERIADO
de 24 a 28 — Maio
aproveite uma das excursões da

JAÚ TURISMO

Saídas garantidas de Campinas

RIO - CABO FRIO - PETRÓPOLIS
Via litoral: CARAGUATATUBA — UBATUBA — PARATI e ANGRA DOS REIS — Tudo incluído: Cr$ 1.700,00

VALE DO ITAJAI - CAMBORIU
Visitando: JOINVILLE — BLUMENAU — FLORIANOPOLIS
Tudo incluído: Cr$ 2.200,00

POUSADA DO RIO QUENTE - BRASÍLIA
Super promoção: Cr$ 2.600,00

SÃO LOURENÇO - CAXAMBU - LAMBARI
Pensão completa: Cr$ 2.300,00

FOZ - ARGENTINA - PARAGUAI
VILA VELHA e CURITIBA

MATÃO (Promoção especial)

FINANCIAMOS

JAÚ TURISMO — Av. Benjamin Constant, n.o 1.292 — Fones 31-8051 - 31-1351 - 2-8191
(ebt 0800073008)

CORRESPONDÊNCIA
A. J. Hermenegildo Filho
Rua Corceição, 124 — Campinas

ALITUR
ALIANÇA DE TURISMO LTDA.
Conheça o Brasil
Com os ônibus da Ensatur e Piccolotur através da Alitur viajando com a maior, a mais nova e moderna frota de Turismo da Região.

MAIO

Saída	Retorno	Destino	Duração
12-5-78	14-5-78	Rio - Fim de semana	3
12-5-78	14-5-78	Curitiba - Paranagua Vila Velha	3
24-5-78	28-5-78	Rio - Cabo Frio Petrópolis	5
24-5-78	28-5-78	Foz - Curitiba	5
25-5-78	28-5-78	Rio - Litoral - Paqueta	3

Rua Tomás Alves, 121 - Centro - Campinas - SP
Fones 8-8824 e 31-7447 (0192)
EBT N.o 0800174401/1

Rua Barão de Jundiaí, 440 - Centro - Jundiaí SP - Fones 434.1762 e 434.1644 (011)
EBT N.o 0800174003

Excursões WANDER TURISMO
Rua Ferreira Penteado, n.o 936
Fones 8-8770 - 8-2577 - 2-8370

CRUZEIRO MARITIMO
Visitando Salvador — Recife — Belem — Rio Tapajós Manaus — São Luiz — Fortaleza — Recife — Salvador
Saída 1 de julho de 78 — Regresso 26 de julho de 78

SUL DO BRASIL MARAVILHOSO
Visitando 13 cidades — 11 dias inesquecíveis — Onibus de luxo — Saídas todas 3.a feiras

BAHIA — Hospedagem Hotel Meridien
Ida e volta em jato — Saídas todos os sábados

FOZ DO IGUAÇU — 6 dias inesquecíveis
Ida e volta em jato — Saídas todos os domingos — Hospedagem Hotel Carimã

50 ROTEIROS diferentes para os próximos feriados
Consulte nossa agência — Solicite o roteiro de sua preferência

Embratur 0800231007 — CAMPINAS — S.P.

ROCHA TURISMO LTDA.
Rochatur

EXCURSÕES PARA OS FERIADOS E FERIAS
ARAXÁ — 24-05 — 05 dias
RIO — C. FRIO — PETRÓPOLIS (Litoral) — 24-05 — 05 dias
FOZ DO IGUAÇU — 24-05 — 05 dias
SUL DO BRASIL — Saídas todas as 3.as feiras — 11 dias
Somente Cr$ 4.615,00
MANAUS — VTD — 15-06 — 04 dias
SALVADOR — Aérea — VTD — Saídas semanais — 08 dias
FOZ DO IGUAÇU — VTD — Saídas semanais — 03 dias
BUENOS AIRES — BARILOCHE — Saídas semanais
CHILE — LAGOS — ANDINOS — Diversas saídas
EUROPA — Diversas saídas
JAPÃO — Saídas em maio e julho
DISNEYWORLD — Diversas saídas
FÉRIAS DE JULHO
SALVADOR — PRAIAS
SUL — URUGUAI — ARGENTINA
FOZ DO IGUAÇU — ASSUNCION
POUSADA — BELO HORIZONTE — C. HISTÓRICAS
FOZ — SETE QUEDAS — Com trecho fluvial
NORDESTE — SALVADOR — RECIFE
E mais dezenas de outros roteiros
ROCHATUR — Av. Anchieta, n.o 412 — Campinas
Fones 2-9209 — 2-9648 — 31-9110 — 31-8138
Embratur 080014300

Para sua viagem escolha as melhores excursões: Viaje com quem realmente conhece. Viagens valorizadas só com sua agência amiga

CAPRIOLI Turismo

BARRA BONITA — 14-05-78
RIO DE JANEIRO — 24-05-78
FOZ DO IGUAÇU — 24-05-78
BRASÍLIA - POUSADA — 24-05-78
BAHIA - SALVADOR — Saídas semanais
V.T.D. MANAUS — Todas as sextas-feiras
CHARTER TELAVIV
PROGRAMAÇÃO FABULOSA
PARA AS FÉRIAS
Conforto, Cortesia e os melhores planos de financiamento
CAPRIOLI TURISMO LTDA. — Rua Regente Feijó, n.o 1.336 - Fones: 8-9411 - 8-1888 — EBT — 0800072006
Fretamos ônibus para qualquer parte do Brasil